

O problema da invisibilidade e a eloquência das pequenas coisas: reflexões sobre os pontos fortes da pesquisa qualitativa

Mario Cardano^a

Como citar este artigo:

Cardano M. O problema da invisibilidade e a eloquência das pequenas coisas: reflexões sobre os pontos fortes da pesquisa qualitativa [Editorial]. Rev Gaúcha Enferm. 2018;39:e82654. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.82654>.

Conheci o mundo acadêmico brasileiro – a sua vivacidade e o seu calor – em setembro do ano passado, quando estive como convidado nas Universidades de Pelotas, Ribeirão Preto e Porto Alegre para um ciclo de conferências sobre a pesquisa qualitativa, relacionado à tradução para o português de um trabalho meu ⁽¹⁾. Cada viagem deixa impresso na memória de quem a realiza um conjunto de lembranças, no qual o tempo intervém, alterando a sua intensidade e criando novas – às vezes inesperadas – combinações. Isso acontece mesmo na versão mais austera da viagem, a viagem de estudo.

Pensando na minha estadia no Brasil e nas razões que me levaram até lá, duas imagens emergem fortemente na minha memória, as poesias de Mário Quintana e a belíssima música de Antonio Carlos Jobim, *Águas de março*. Antes acostadas nos meus pensamentos e, agora que estou escrevendo, na minha mesa, encontro a coleção de poesias de Mário Quintana *A cor do invisível* e o CD Elis & Tom, que contém a extraordinária interpretação de *Águas de março* de Elis Regina e Tom Jobim. Depois das minhas aulas na Universidade de Porto Alegre, visitei a Casa da Cultura Mário Quintana, construída no Hotel Majestic que, por muitos anos, teve como hóspede o poeta gaúcho. Entre as suas coleções de poesias, uma em particular, chamou a minha atenção. *A cor do invisível*, que, assim que voltei para a Itália, li na tradução feita por Natale Fioretto. Procurei no índice do texto as poesias, ou, pelo menos, a poesia dedicada explicitamente ao invisível, mas não a encontrei. Em um primeiro momento, me senti desiludido, entendi depois que daquele invisível era possível apanhar somente a sombra, intuir a sua cor e que, cada explícita definição – embora poética – teria traído o espírito daquele trabalho. A cor do invisível colhe-se ao imergir nas coisas simples de que falam as poesias de Quintana, para depois dirigir o olhar além, na tensão em direção ao seu significado. Algo semelhante acontece ao ouvir *Águas de março*, na opinião de Chico Buarque, «o samba mais lindo do mundo»⁽²⁾. Como se sabe, *Águas de março* compõe em uma rápida sucessão uma série de imagens que retratam o cotidiano da vida brasileira *o pau, a pedra, um pedaço de pão, o projeto da casa, o carro enguiçado* e muito mais. Na lírica de Tom Jobim, encontramos o mesmo interesse pelas pequenas coisas simples, no centro da poética de Quintana, mas também um interessante – pelo menos na perspectiva dessa reflexão – chamado ao tema da invisibilidade.

^a Universidade de Turim. Departamento de Cultura, Política e Sociedade. Turim, Itália.

Entre as imagens esplendorosas de *Águas de março*, encontramos aquela de Matita-Pereira, um personagem travesso do folclore brasileiro, que usa um chapéu mágico que, como o anel de Gige do qual fala Platão na República, permite-lhe tornar-se invisível. Pois bem, os temas da invisibilidade e aquele das pequenas coisas, da sua especial importância, permitem colher as peculiaridades da pesquisa qualitativa e disso eu me ocupei a seguir, antes, porém, me parece oportuno dar uma definição sucinta sobre pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa é tudo menos um monólito, um conjunto compacto de práticas de pesquisa esculpidas na mesma matéria teórica e epistemológica. A pesquisa qualitativa é um conjunto plural de estilos de pesquisa, diferentes por ascendência teórica e práticas de pesquisa. Indubitavelmente diferentes umas das outras, essas maneiras de fazer pesquisa mostram algumas “semelhanças familiares” importantes. Essas semelhanças, além de identificar os traços relevantes da pesquisa qualitativa, ajudam a reconhecer o que a separa da pesquisa quantitativa. Três me parecem ser os traços de pesquisa qualitativa em que esse ar familiar é mostrado: a harmonização dos procedimentos de construção de dados com o contexto estudado; a observação de perto, a multivocalidade da escrita. Na pesquisa qualitativa, os procedimentos de construção de dados assumem configurações diferentes de acordo com o contexto interativo no qual eles tomam forma. A formulação de uma pergunta, em uma entrevista, sobre a forma como, no decurso de uma pesquisa etnográfica, o pesquisador observará e, até certo ponto, participará de uma prática interativa, variará de tempos em tempos, harmonizando-se com as mudanças circunstanciais da área. Para colocá-lo em um slogan: na pesquisa qualitativa, não são os participantes que precisam se adaptar ao método proposto, mas é o método que deve se adaptar aos participantes. A segunda característica pertinente da pesquisa qualitativa é a sua vocação a uma observação de perto, a um estilo de pesquisa que prefere o aprofundamento dos detalhes para a reconstrução do quadro geral, os estudos intensivos realizados em um número reduzido de casos, ao invés dos estudos extensivos. O último traço que merece ser destacado diz respeito ao caráter multivocal, polifônico da escrita com o qual os resultados de uma pesquisa qualitativa são entregues ao leitor. Com poucas exceções, os textos que produzem os resultados de uma pesquisa qualitativa baseiam-se em uma forma de “orquestração” entre a voz do pesquisador e a dos participantes.

A história da ciência e, portanto, também a história das ciências sociais, é caracterizada por um constante confronto com o problema paradoxal da observação do inobservável. Um nó ontológico e metodológico que a ciência enfrentou movendo duas alavancas, a do desenvolvimento tecnológico e o da elaboração de conjecturas, de «entidades teóricas», capazes de unir o observável ao inobservável. Microscópios cada vez mais potentes, a descoberta dos raios X permitiram à medicina ver o infinitamente pequeno, superar a barreira da epiderme e ver dentro dos corpos. Na física, o limite entre visível e invisível foi se deslocando progressivamente, mas, nem mesmo na ciência mais amadurecida foi totalmente cancelado.

Nas ciências sociais, onde a alavanca do desenvolvimento tecnológico tem pouca penetração, o problema do estudo do invisível conserva toda a própria relevância. Não é comum pensar nas nossas práticas de pesquisa nessa perspectiva, mas, de fato, o que sabemos sobre a sociedade baseia-se em informações relatadas sim, a fenômenos observáveis, mas, muito mais consistentemente a fenômenos inobserváveis. São observáveis os comportamentos, por exemplo, a sequência de gestos com os quais fazemos um curativo a uma ferida cirúrgica, assim como são observáveis também os produtos do comportamento, o enorme edifício do manicômio de São Pedro, de Porto Alegre, os quadros das pessoas ainda internadas naqueles muros. É por outro lado, inobservável, invisível, tudo aquilo que está dentro da cabeça de quem trabalha no manicômio e de quem está internado. Os comportamentos, as crenças, os valores, o significado associado às próprias ações pela humanidade aflita dos internos e de quem compartilha com eles aquele espaço de atendimento e custódia. Alguém poderia dizer: mas, afinal, trata-se somente de crenças, de ideias, que impacto podem ter no mundo? Pois bem, aprendemos com os clássicos que aquele impacto é certamente relevante. Em *O camponês polonês na Polônia e na América*, publicado em 1918, William Thomas e Florian Znaniecki⁽³⁾ elaboram um conceito fundamental para o nosso trabalho, aquele de «definição da situação», uma categoria cognitiva (os autores a definem atitude) que guia o agir dos indivíduos. Ao decidir o curso a ser impresso às próprias ações, os indivíduos não reagem mecanicamente ao ambiente no qual se encontram, mas sim, como eles o representam em sua mente. Daí o famoso «teorema de Thomas» segundo o qual se os homens definem reais certas situações, elas serão reais nas suas consequências. Se eu estou convencido de que posso voar e resolvo me lançar do terraço, mesmo que a minha crença sobre as minhas capacidades de vôo seja infundada, as suas (trágicas) consequências serão reais. Quando na vida de um indivíduo irrompe uma grave doença, a maneira como essa experiência será vivenciada e a maneira em que o paciente restabelecer os fragmentos da sua identidade machucada, dependerá das

lacerações que a doença tiver infligido no seu corpo, mas também pelo modo no qual representará a própria condição e elaborará uma explicação - cognitiva e moral - do seu emergir.⁽⁴⁾

Ter acesso a esses territórios invisíveis é, portanto, fundamental e ao fazê-lo, o pesquisador social adota um *modus operandi* que apresenta inúmeras analogias com o médico do Século XIX. Desprovido dos instrumentos da tecnologia médica contemporânea, que permitem observar os órgãos internos, o médico do início do Século XIX chegava ao diagnóstico através do meticuloso levantamento dos sinais da doença acessíveis ao seu olhar e aos sintomas apresentados pelo paciente. Ele tomava nota, por exemplo, do estado da pele e das mucosas, das eventuais alterações posturais, auscultava o tórax para saber qual era a frequência cardíaca, para depois pedir ao paciente que descrevesse os sintomas que sentia, por exemplo, uma sensação de contínua opressão no peito ou a visão turva. Uniam-se então os sinais e os sintomas para depois proceder, por sucessivas exclusões (diagnóstico diferencial) à identificação da síndrome, daquele estado inobservável, responsável pelos sinais e pelos sintomas detectados. O médico podia contar somente com um conjunto decididamente rudimentar de instrumentos (normalmente, um estetoscópio e um relógio de pulso), ele chegava ao diagnóstico ativando uma espécie de «saber circunstancial»⁽⁵⁾, instituindo uma ligação entre os estados observáveis e a condição - invisível - de um órgão doente. De maneira semelhante, o pesquisador social propõe-se a delinear o perfil de um conjunto de crenças, de colher o sentido colocado nas ações combinando um conjunto composto de indícios retirados nos comportamentos e, principalmente, na linguagem, através do recurso da interlocução. A esse respeito, é bom lembrar as palavras do antropólogo francês, Dan Sperber⁽⁶⁾, que sobre esses temas diz o seguinte.

É impossível descrever bem um fenômeno cultural, uma eleição, uma missa ou um jogo de futebol, por exemplo, sem levar em conta a ideia que as pessoas que participam a esses eventos têm; pois as ideias não se observam, se compreendem intuitivamente e não se descrevem, se interpretam⁽⁶⁾.

Ao recorrer a essa forma de saber circunstancial, celebrada na literatura popular pelo personagem de Sherlock Holmes, criado por Conan Doyle, emerge - nítida - uma diferença entre o médico do Século XIX e o pesquisador social⁽⁷⁾. Na consulta clínica é razoável assumir que o paciente forneça ao médico toda a cooperação que puder, dentro das suas capacidades cognitivas e do pudor que, às vezes, envolve as conversas sobre o próprio corpo e suas funções. Esse grau de cooperação, de *compliance*, está longe de ser garantido no contexto da pesquisa social. É realmente difícil acreditar que as pessoas que interpelamos sobre o seu modo de ver o mundo, sobre os seus ideais ou, na impossibilidade de observá-los diretamente, sobre os seus comportamentos habituais, respondam com o mesmo grau de cooperação que teriam durante uma consulta clínica. O sociólogo canadense Erving Goffman⁽⁸⁾, que fez da interação na vida cotidiana o próprio objeto de estudo, documentou eloquentemente que o que mais importa às pessoas nas interações sociais - e, portanto, também na interação constituída com uma específica pesquisa - é «livrar a cara», evitar constrangimentos, causar má impressão, mesmo que para isso seja necessário ajustar um pouco as respostas dadas a um entrevistador ou, polir, sob o olhar indiscreto de um observador, os aspectos mais afiados do próprio comportamento⁽⁸⁾. Em resumo, pode-se dizer que no estudo dos fenômenos sociais, a cooperação dos participantes seja, ao mesmo tempo, indispensável e incerta.

E é nesse terreno, escorregadio, que a pesquisa qualitativa oferece uma contribuição importante. As suas características distintivas, em particular a harmonização ao contexto em estudo e a observação aproximada (ver acima), colocam à disposição do pesquisador um rico conjunto de informações sobre aquilo a que se propõe apresentar, *mas também*, sobre o grau de cooperação dos participantes. Em uma entrevista discursiva, os participantes devem se expressar com as próprias palavras, construir os discursos que fornecem ao pesquisador e não colocar imediatamente um "X" em um questionário. Ao compor os seus discursos, ao fazê-lo imprimindo-lhes um específico colorido emotivo, os participantes fornecem preciosos indícios⁽⁵⁾ sobre o grau de cooperação prestada. Com a observação repetida, típica da pesquisa etnográfica, as informações sobre o grau de cooperação dos participantes se tornam ainda mais ricas. O tempo passado juntos permite ao pesquisador colocar em uso aquelas virtudes investigativas estudadas por Jack Douglas⁽⁹⁾, a de aprender a superar as barreiras que os participantes erguem para proteger as fronteiras do seu mundo interior¹. Além disso, o tempo passado juntos

¹ O adjetivo "investigativo" faz referência não a uma aceção policial ou disciplinar da pesquisa social, mas sim ao jornalismo investigativo, que Douglas vê emblematicamente representado por Lincoln Steffens, autor de importantes reportagens sobre a corrupção política e econômica da América do início do Século passado. O que Douglas encoraja é, antes de tudo, a adoção de uma disposição crítica, de uma forma de ceticismo sistemático em relação ao que as pessoas envolvidas no estudo, e das quais conquistamos a confiança, nos dizem e nos permitem observar. Douglas remete o núcleo dessa disposição a uma máxima: "existem muito mais coisas duvidosas e imorais do que aparecem sob os nossos olhos"^(9:66).

permite – às vezes e não necessariamente – aos participantes atenuar as suspeitas em relação ao pesquisador, alimentar uma tênue confiança em relação a ele e, também nesse caso, a observação aproximada própria da pesquisa qualitativa permite verificar nesse câmbio de passo, de colher o aflorar de uma forma de cooperação mais forte. Para concluir esse aspecto, afirmo que a abertura, a flexibilidade, a focalização em poucos casos próprios da pesquisa qualitativa fornecem à pesquisa social os instrumentos mais promissores no estudo do invisível, graças à disponibilidade de um conjunto rico e composto de informações sobre a cooperação dos participantes. Até aqui, o eco das sugestões de Quintana e do seu esforço em delinear a cor do invisível.

O segundo traço da pesquisa qualitativa, mencionada anteriormente, aquela de uma observação de perto, mais centralizada em focar os detalhes, as nuances próprias de um contexto social a impulsiona em direção ao mundo das pequenas coisas, evocado por Antonio Carlos Jobim. A pesquisa qualitativa ocupa-se dos aspectos, às vezes os mais minúsculos, da vida cotidiana na convicção de que, como diz um lema zen: «uma coisa pequena não é uma pequena coisa». Esta vocação, a mesma que guia o olhar de Tom Jobim em direção a uma pedra, a um pedaço de vidro ou a um espinho na mão, suportou a acusação mais comum dirigida à pesquisa qualitativa, a de ser anedótica². Na minha defesa – deliberadamente ardorosa – da pesquisa qualitativa não pretendo contestar o seu caráter anedótico, mas sim celebrá-lo. Farei isso propondo as reflexões de Michael Quinn Patton coletadas na quarta (e, até agora, última) edição do seu manual *Qualitative Research & Evaluation Methods*⁽¹⁰⁾. A tese de Patton, que faço minha, é que um evento individual, uma pequena coisa sobre a qual se decide fixar a atenção pode ser particularmente eloquente, pode jogar luz sobre um conjunto de traços culturais extremamente profundos e disseminados. Patton me convence propondo um conto que nos leva até à Índia colonial.

^(10:32) A história conta o que aconteceu à Senhora Montgomery, que uma noite, voltando para casa por uma longa estrada, precedida como de costume pelo seu empregado, deparou-se com uma das cobras mais venenosas da Índia. O empregado que havia visto o acontecido, ordenou que a senhora parasse; ela não o escutou e o empregado se viu obrigado a quebrar a regra que impedia os empregados de tocar o corpo dos patrões: empurrou para trás a Senhora Montgomery colocando-lhe a mão sobre os ombros. Mesmo sabendo que devia a vida ao empregado, a Senhora Montgomery estava determinada a despedi-lo, pois, esse havia desrespeitado a sagrada regra que impede o contato físico entre servo e patrão. É evidente que se trata realmente de uma pequena coisa, mas que, todavia, diz muito sobre a cultura dos colonos ingleses daquela época e da sua representação da população indiana³. A boa pesquisa qualitativa move-se na direção indicada por Patton, à pesquisa dos contos, à reconstrução de eventos minúsculos, de contextos sociais circunscritos – em uma palavra: de pequenas coisas – a quem confiar a tarefa de jogar luz - com autoridade – sobre fenômenos sociais mais abrangentes. E muitas vezes é bem sucedido.

² Patton relata uma entre as expressões mais icásticas dessa crítica com as palavras de Benson: «The plural of anecdote is not evidence»^(10:31).

³ Tecnicamente, o conto comentado no texto configura-se como um «caso crítico»⁽¹⁸⁰⁻³⁾.

■ REFERÊNCIAS

1. Cardano M. Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação, Petrópolis: Vozes; 2017.
2. Cabral S. Antonio Carlos Jobim: uma biografia, São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2008.
3. Thomas WJ, Znaniecki F. The Polish peasant in Europe and America, (1918-1920). University of Illinois Press, 1996.
4. Frank A. The wounded storyteller: body, illness and ethics, Chicago: University of Chicago Press; 1995.
5. Ginzburg C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.
6. Sperber D. Le savoir des anthropologues, Paris: Heremann; 1982.
7. Eco U, Sebeok TA. The Sign of Three: Dupin, Holmes, Peirce, Indiana University Press, 1988.
8. Goffman E. The Presentation of Self in Everyday Life, Anchor, 1959.
9. Douglas JD. Investigative social research: individual and team field research. Beverly Hills: Sage; 1976.
10. Patton MQ. Qualitative research & evaluation methods. Thousand Oaks: Sage; 2015.